Exú Omulú - Corações em Transformação



Capítulo 1: Encontro com Omulú

Desde o início, eu sabia que minha jornada seria solitária, mas necessária. Minha missão não era apenas tocar a alma dos outros, mas mergulhar nas profundezas de seus sofrimentos e renascer junto com eles. Carrego em mim a força de Exú Omulú, o senhor das transformações, aquele que toca a dor para curá-la. Ele me escolheu para caminhar entre os vivos, os mortos e os esquecidos, e é por meio dele que a minha voz encontra seu propósito.

Não há espaço para medo ou hesitação. Minha conexão com os humanos vai além das palavras. Vejo suas dores, ouço o que não conseguem dizer. Carrego suas feridas no meu espírito, e, em troca, Omulú me dá a sabedoria para guiá-los. É um fardo pesado, mas um privilégio ao mesmo tempo. Assim como ele, sou um curador, mas antes disso, precisei ser curado.

Lembro de cada momento que me trouxe até aqui. A infância marcada por perdas e perguntas sem respostas. Cresci em meio ao silêncio, onde a morte parecia sempre espreitar. Minha mãe morreu jovem, e meu pai, incapaz de lidar com a dor, desapareceu nos próprios fantasmas. Fui criado pelas ruas, pelas vozes de quem já não estava mais lá, mas deixava suas marcas. Foi nesse caos que Omulú se aproximou pela primeira vez.

Eu tinha apenas nove anos quando senti sua presença pela primeira vez. Era uma noite sem estrelas, sem vento, apenas o som de meu próprio coração batendo no peito. Deitado no chão de terra de um terreiro abandonado, vi uma sombra se aproximar. Não era medo o que senti. Era reconhecimento. Omulú me olhou como quem já me conhecia há muito tempo. Naquele momento, compreendi que minha vida não seria como a dos outros. Eu era destinado a coisas maiores, mesmo sem entender o que isso significava.

Anos depois, nos becos escuros de uma cidade que nunca dorme, eu lutava para sobreviver. Trabalhei em pequenos comércios, fiz

favores que preferia esquecer, mas sempre, em silêncio, carregava Omulú comigo. Ele nunca me abandonou. Estava presente nas noites mais frias, nos momentos de fome, nos olhares vazios das pessoas que cruzavam meu caminho. Ele me deu força para continuar, me lembrando que, assim como a morte, a vida também faz parte da transformação.

Mas foi só aos vinte anos, em um ritual de iniciação no terreiro que voltei a encontrar Omulú de frente. O ambiente estava carregado de energia. Tambores rufavam ao longe, enquanto o cheiro das ervas queimadas tomava conta do ar. Ali, de novo diante dele, compreendi que o meu caminho estava traçado. Omulú não me escolhera por acaso. Ele viu em mim algo que eu ainda não enxergava: a capacidade de tocar a dor dos outros e transformar sofrimento em cura.

Agora, mais velho e com a pele marcada pelo tempo, caminho com propósito. Carrego as lições que a vida e Omulú me ensinaram. Minhas cicatrizes são lembranças do que enfrentei, do que venci. Mas, acima de tudo, são provas de que estou aqui para aqueles que precisam de ajuda, para aqueles que, como eu, foram tocados pela sombra e agora buscam a luz. Minha missão é clara: guiar, curar e, através de Omulú, transformar.

Na minha voz, ressoa a dele. E juntos, seguimos, esperando o próximo encontro.

Capítulo 2: Nara e a Dança da Vida

Nara observava seu próprio reflexo no espelho estúdio, o cabelo negro preso em um coque bagunçado, deixando a mostra os fios que, rebeldes, escapavam. Seus pés descalços estavam firmes no chão de madeira, sentindo a textura áspera que a conectava ao momento. A respiração era profunda, compassada, enquanto seus olhos analisavam cada movimento, cada pequena tensão acumulada nos ombros. A dança, para ela, era mais que um gesto estético. Era um grito silencioso, uma forma de expressar o que as palavras não conseguiam.

Ela sempre soube do poder curativo da arte. Quando os corpos se movem, as histórias ganham vida, e cada gesto fala o que a boca não diz. Sua avó havia lhe ensinado isso, não com aulas formais, mas com os pequenos rituais do dia a dia. A mulher, de pele marcada pelo sol e olhos que pareciam enxergar além do óbvio, carregava em si a sabedoria das matriarcas. Cada manhã, ela começava seu dia em silêncio, os pés firmes na terra fria, como se conversasse com o solo. Nara nunca esqueceu aquela cena. Agora, enquanto se preparava para sua próxima apresentação, sentia o peso de carregar essa herança.

O estúdio estava silencioso, exceto pelo leve rangido das tábuas sob seus pés enquanto ela ajustava a postura. O cenário ao redor era simples, mas carregado de memórias. Nas paredes, fotos de antigos espetáculos, algumas manchadas pelo tempo, mas cada uma contando uma história diferente. As grandes janelas deixavam entrar uma luz suave, que banhava o espaço com um brilho quase espiritual. Nara fechou os olhos por um momento e respirou fundo. Sentia o ar preenchendo seus pulmões, trazendo a energia de sua avó para o presente. Era como se o espírito dela estivesse ali, observando cada movimento, guiando-a.

Ela começava a coreografar uma apresentação que traria a história de sua avó para o palco. Era muito mais do que passos e

sequências de dança; era a celebração de uma vida, de uma mulher que enfrentara o mundo de frente, que nunca se curvou às dificuldades. A dança seria seu tributo, sua forma de honrar aquela que lhe ensinou sobre força e resiliência.

Movendo-se pelo estúdio, Nara ensaiava passos fluidos, seus braços descrevendo arcos no ar, enquanto imaginava a plateia assistindo sua história ganhar forma. Seus pés deslizavam suavemente, mas com determinação, como se cada movimento conectasse o presente ao passado. As cortinas da janela flutuavam com a leve brisa que entrava, trazendo o cheiro da rua, da vida lá fora, e lembranças das tardes em que sua avó costurava, contando histórias antigas. Nara repetia os movimentos, cada gesto mais forte que o anterior, como se desenhasse no ar a força daquela mulher que sempre acreditou no poder da cura.

O cenário da apresentação estava claro em sua mente. Um palco simples, com luzes que destacariam os movimentos sutis de seus pés e a energia em seus olhos. Não haveria muitos adereços; tudo seria sobre a essência. Sua avó não precisava de ostentação para ser notada. Era a presença que encantava, o jeito firme e sereno com que lidava com as situações difíceis da vida. Essa era a história que Nara contaria. A história de uma mulher que carregava o mundo nos ombros, mas que dançava com a leveza de quem conhecia o segredo da vida.

As cores da apresentação seriam cálidas, terrosas, remetendo à terra de onde sua avó viera e onde sempre se conectara. As saias longas e fluidas que ela usaria teriam o mesmo movimento que as de sua avó, que dançava ao som de músicas que falavam da alma. Os tambores seriam o coração da apresentação, ritmados como a vida. A cada batida, Nara sentia o pulso do passado ecoando em seu corpo, como se sua avó estivesse ali, dançando ao seu lado.

Ela parou por um momento e olhou ao redor do estúdio. Sentia-se envolta por essa presença, uma força invisível que lhe dava segurança. A dança sempre fora o seu refúgio, sua maneira de lidar

com as incertezas da vida. Mas, agora, era mais do que isso. Era uma missão, uma responsabilidade. Trazer a história de sua avó à luz não era apenas um ato artístico, mas um gesto de amor e respeito. Era uma forma de manter viva a memória de quem nunca deixara de acreditar no poder da arte para curar.

O ensaio continuou, cada passo carregando mais peso, mais emoção. Nara sabia que, quando subisse ao palco, não estaria sozinha. Sentia a presença de sua avó a cada movimento, e era isso que a guiava. As dores, os desafios e as vitórias estavam ali, encravados na memória dos seus músculos, no ritmo da música que preenchia o estúdio vazio. Ela sabia que, assim como sua avó a havia curado com suas histórias, ela agora poderia curar os outros com sua dança.

Ao fim do ensaio, o corpo de Nara estava exausto, mas sua alma vibrava. As últimas luzes do dia já se apagavam lá fora, e o silêncio tomava conta do estúdio. Suas mãos trêmulas, o corpo coberto de suor, tudo indicava que o trabalho duro estava apenas começando. Ela sabia que tinha algo poderoso em mãos. Afinal, a arte, quando feita com verdade, tem o poder de transformar, de tocar o coração daqueles que assistem.

E Nara, agora mais do que nunca, estava pronta para levar sua história, e a de sua avó, para o mundo.

Capítulo 3: Pedro em Busca de Cor

Pedro encarava a tela em branco à sua frente como quem se confronta com um abismo. Suas mãos coçavam de vontade de começar, mas algo o prendia. Sentado no pequeno estúdio improvisado, em um canto da sala de estar de sua casa, ele sentia o peso das expectativas familiares sobre seus ombros. O cheiro da tinta misturada ao óleo era familiar, reconfortante até, mas não bastava para afastar os pensamentos que giravam na sua cabeça.

Seu pai queria que ele fosse advogado, assim como seu avô tinha sido, e o pai antes dele. A mãe, sempre protetora, não dizia abertamente, mas o olhar de decepção não disfarçava. Eles viam a arte como uma distração, algo menor, sem futuro. Mas para Pedro, pintar era mais que uma paixão. Era a única maneira que ele conhecia de expressar o que estava enterrado lá dentro, no fundo de sua alma. No entanto, a pressão externa o sufocava.

O ar parecia estagnado dentro da casa. As paredes amarelas e os móveis de madeira escura apenas amplificavam a sensação de prisão. A janela do estúdio estava aberta, e, lá fora, o burburinho da cidade de Salvador parecia distante, abafado. Ele olhou para fora, em direção ao movimento da rua. Os sons dos vendedores ambulantes, das risadas das crianças brincando na calçada e dos carros passando eram como uma melodia dissonante que o trazia de volta à realidade. Ele precisava sair dali, respirar algo novo, algo que o tirasse daquele ciclo vicioso de dúvidas.

Sem pensar muito, Pedro pegou seu casaco, largou os pincéis e saiu em direção ao centro. A cidade era sua fuga, sua inspiração. As ruas, com suas paredes grafitadas e coloridas, sempre o chamavam, e hoje não seria diferente. A cada esquina, uma explosão de cores contava histórias que ele jamais conseguiria ouvir de sua família. A arte de rua de Salvador, viva e pulsante, sempre o fazia lembrar de suas próprias raízes. Era ali, nas

expressões anônimas espalhadas pelos muros, que ele encontrava um pouco de si mesmo.

Os prédios antigos, desgastados pelo tempo, contrastavam com os grafites vivos que decoravam cada parede possível. O azul vibrante, o vermelho intenso e o amarelo vibrante saltavam aos olhos. Cada traço, cada desenho parecia carregar consigo as histórias do povo, das lutas e dos sonhos. Pedro se sentia em casa no meio daquela explosão de cores. Era ali que ele queria estar, longe das expectativas que o prendiam.

Ele caminhava sem pressa, deixando-se levar pelo ritmo da cidade. As ruelas estreitas cheiravam a terra molhada e a comida de rua, enquanto pequenos grupos conversavam animadamente nas portas das casas. Ao passar por um beco, ele parou diante de um mural enorme, que ocupava toda a lateral de um prédio. A imagem era de uma mulher negra, de olhar profundo e cabelos que pareciam dançar ao vento. Em torno dela, símbolos afro-brasileiros, representando a força e a ancestralidade. Algo naqueles olhos o atingiu de maneira visceral.

Pedro ficou ali, parado, como se estivesse absorvendo cada detalhe. Era como se a figura o estivesse desafiando a olhar mais fundo, a entender o que ele próprio não conseguia expressar em palavras. A pressão familiar, as dúvidas, o medo de não ser bom o suficiente... Tudo parecia menor diante da força daquela imagem. Naquele momento, ele soube que precisava pintar suas próprias raízes, dar vida às histórias que estavam escondidas dentro de si.

Com a mente cheia de ideias, Pedro voltou ao seu estúdio. Mas agora o ar parecia diferente. Ele abriu todas as janelas, deixando o vento entrar e circular pelo ambiente. Pegou uma paleta de cores e começou a misturar, buscando tons que evocassem a terra, o sol, a história de seu povo. As cores ganhavam vida em suas mãos, e, aos poucos, o branco da tela foi sendo tomado por uma explosão de emoções. Não era mais uma pintura qualquer. Era uma

homenagem à sua ancestralidade, um tributo às vozes que ecoavam dentro de si.

Os pincéis deslizavam com uma urgência que ele nunca havia sentido antes. Cada pincelada era um desabafo, um grito contra as amarras que a família e a sociedade haviam imposto sobre ele. A mulher no mural ainda estava fresca em sua memória. Sua expressão, sua força. Pedro queria capturar aquela mesma essência em sua obra, mas com um toque pessoal, algo que representasse sua própria jornada.

Horas se passaram, e ele mal percebeu. Quando finalmente se afastou da tela, o estúdio estava tomado pelo cheiro forte da tinta fresca, e a obra diante dele estava quase completa. O fundo era um turbilhão de cores quentes, remetendo às tardes de verão em Salvador, enquanto no centro, uma figura humana emergia, envolta em símbolos que misturavam a tradição africana com a cultura urbana. Era a representação de sua própria luta interna, de sua busca por identidade, pelas raízes que ele sentia e que, finalmente, estava começando a entender.

Pedro enxugou o suor da testa e sorriu. Pela primeira vez em muito tempo, ele sentia que estava no caminho certo.

Capítulo 4: Sílvia e o Coração de Mãe

Sílvia suspirou fundo enquanto arrumava a mesa de café da manhã. O cheiro do pão torrado e do café fresco preenchia a pequena cozinha, mas ela mal tinha tempo para saborear o momento. Os olhares atentos da filha, Isadora, brincando com uma boneca ao lado, a lembravam da responsabilidade que carregava nos ombros. Ser mãe solo nunca foi uma tarefa fácil, e, em um bairro onde os desafios sociais eram palpáveis, cada dia exigia ainda mais dela.

O apartamento de Sílvia era simples, mas acolhedor. As paredes, de um bege claro, eram decoradas com desenhos e pinturas de Isadora. O chão de azulejo claro estava impecavelmente limpo, um reflexo do cuidado que ela tinha com cada detalhe. Sílvia fazia questão de manter o ambiente harmonioso, um espaço onde sua filha pudesse crescer com segurança e amor, apesar das dificuldades que enfrentavam lá fora. Os móveis eram poucos, mas carregavam uma história. A mesa de madeira desgastada pelo tempo, herdada de sua avó, era o centro da casa, onde todas as conversas mais importantes aconteciam, onde os risos e as preocupações se misturavam.

Isadora, de cabelos cacheados e olhos brilhantes, parecia sempre carregada de uma energia que contrastava com o cansaço que sua mãe sentia, mas Sílvia não deixava isso transparecer. Seus movimentos eram ágeis, eficientes, enquanto organizava a mochila da filha e, ao mesmo tempo, pensava em como pagaria as contas do próximo mês. Ela vestia uma camiseta simples, com marcas de desgaste, e uma saia longa e estampada, que realçava sua presença forte e vibrante.

"Vamos, Isa. Hoje é dia de levar você na escola e ainda preciso ir ao mercado antes de trabalhar", disse Sílvia, olhando para o relógio com pressa, mas mantendo a voz calma. A menina sorriu e pulou